

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1974

um estudo sistemático das cerâmicas de cor amarela clara (*helltonige Keramik*) de fabrico ou pelo menos de tradição mediterrânica.

Mercedes Vegas, que conhece de experiência directa e demorada a cerâmica comum de sítios tão descontraídos como Novaesium, Gabii, Pollentia e Munigua estava em excelentes condições para nos apresentar a obra de que verdadeiramente sentimos falta: o estudo sistemático da cerâmica comum romana de fabrico localizado mas de difusão dilatada, por vezes com imitações locais; por outras palavras: o estudo das cerâmicas comuns fabricadas em escala industrial e exportadas.

Além das quatro estações mencionadas, Mercedes Vegas cita frequentemente Alintimilium, Sutri, Ostia, Tarragona e Numância para não falar do salvado do navio naufragado em Albenga e de outras estações menores. Seria útil, aliás, um índice das localidades citadas. Apesar de todas estas referências, a bibliografia que já existe sobre a cerâmica comum romana teria permitido ilustrar certos tipos com maior número de variantes e acrescentar grandemente os lugares de distribuição de muitos outros.

Numa obra que se apresenta como ensaio de tipologia parece-nos que só excepcionalmente se deveria recorrer a pequenos fragmentos ou a vasos publicados sem escala ou em desenhos à vista, perspectivados e sem perfil.

JORGE DE ALARCÃO

CLAUDE DOMERGUE, *Belo* /. *La stratigraphie* (Publications de la Casa de Velazquez, Série Archéologie, Fase. I), Paris, E. de Boccard, 1973. 1 vol., 142 p., 39 figs., XVIII ests.

As escavações da cidade romana de Belo, iniciadas em 1917 por P. Paris, que aí trabalhou até 1921, abandonadas depois, foram retomadas pela Casa de Velazquez em 1966, e têm prosseguido regularmente desde essa data, confiadas aos bolseiros franceses daquela instituição.

Vários relatórios, breves e preliminares, têm sido publicados nas «Mélanges de la Casa de Velázquez». O presente volume é obra de maior fôlego, embora o autor advirta que não é um relatório completo, pois que omitiu sistematicamente a cerâmica comum encontrada no decurso dos trabalhos. Teria sido talvez preferível omitir, em princípio e salvo casos excepcionais, toda a cerâmica (fina e comum) das camadas remexidas e publicar integralmente o espólio (incluindo a cerâmica comum) das camadas seguras. Poderá argumentar-se que, desta sorte, se omitiria muita cerâmica que, embora sem estratigrafia segura, tem todavia interesse para a história económica.

C. Domergue, auxiliado por D. Nony, G. Nicolini, C. Fernández-Chicarro e M. Pellicer Catalán, dirigiu os trabalhos da primeira campanha de escavações, em 1966, trabalhos que este volume relata. Planeou inicialmente 27 pequenas sondagens de 1,50 x 1 m. ou 1,75 x 1 m., distribuídas pela parte central e parte baixa da cidade, sondagens que deveriam dar apenas

uma ideia da profundidade das camadas arqueológicas e localizar as áreas de ocupação mais antiga. Temos de pensar, para compreender este plano de ataque, no interesse que por volta de 1966 se levantava relativamente à ocupação do litoral hispânico por feitorias púnicas. Dada a posição geográfica de Belo, poderia esperar-se uma ocupação púnica, que as sondagens de Domergue todavia não revelaram, pois os materiais mais antigos não ultrapassam os fins do século n a. C.

Numa segunda fase dos trabalhos, três daquelas sondagens foram alargadas e seis novas foram abertas. Todas estas foram de maiores dimensões (a maior delas media 4 x 4 m e desceu a 5 m.), pois se tratava agora de obter uma ideia clara da estratigrafia tendo em vista uma primeira definição dos horizontes cronológicos da cidade romana.

Domergue define cinco épocas na história de Belo. Os materiais mais antigos remontam aos fins do século n a. C., época à qual Guadan também atribui, por razões de metrologia, as primeiras moedas de Belo (133-105 a. C.). A abundância de ânforas em correspondência com tanques de *garum* indica uma das formas, talvez a principal, da vida económica da cidade. Por outro lado, essa mesma associação é um elemento muito importante a ter em conta na discussão dos usos a que se destinavam os vários tipos de ânforas.

Na destruição destas primeiras instalações industriais, Domergue encontrou materiais pré-augustanos, e nessa base considera a destruição como resultado possível das guerras civis cesarianas (p. 102). Poderíamos, todavia, encarar uma outra hipótese: a de que a destruição correspondeu a trabalhos de urbanização dos inícios da época augustana (e desta outra hipótese também se aproxima o autor na p. 108).

As guerras civis constituem, segundo Domergue, o início da época II de Belo, época de desenvolvimento, culminada no tempo de Cláudio pela atribuição da categoria de *municipium* à cidade (demonstrada pelo achado, em 1971, de uma inscrição). Na época de Cláudio igualmente se pode situar o termo das importações de sigillata itálica. Assim, o fim do período II situar-se-á no reinado de Cláudio, reinado ao qual o autor atribui, hipoteticamente, a construção da muralha e do forum.

Se os períodos I e II são definidos materialmente por uma destruição atribuível às guerras civis cesarianas e a uma renovação urbanística claudiana, os períodos seguintes III-V não são marcados por nenhum acontecimento importante na história material da cidade. A relativa escassez de materiais do século ii (veja-se todavia a observação que abaixo fazemos à sigillata clara) comparada com a abundância dos da segunda metade do século i ou, por outro lado, dos séculos m e iv, leva o autor a imaginar um período III nero-flaviano, um período IV no século n, um período correspondente aos séculos iii-iv. A cidade ter-se-á apagado no século n e renovado no m. As sondagens, porém, parecem-nos insuficientes para justificar esta periodização cujo carácter hipotético é, aliás, salientando pelo autor (p. 101).

Tendo sido raros os muros e os tanques de salga encontrados, as sondagens de 1966 pouco acrescentaram ao conhecimento do urbanismo de Belo;

valeram sobretudo pelos materiais recolhidos: campaniense, sigillata itálica e sudgálica, paredes finas, ânforas e «sigillata clara». As camadas seguras dos séculos ii-v são raras; a obra não contribui, portanto, para esclarecer a cronologia das cerâmicas do Médio e Baixo Império; em contrapartida, alguns estratos seguros do séc. i a. C. ou i d. G., pelas associações cerâmicas, confirmam cronologias já conhecidas por outros lados. No que respeita às ânforas, algumas marcas inéditas e peças defeituosas dos tipos Dressel IG e Dressel 21-22 representam um contributo importante para o estudo da produção anfórica peninsular.

Importante também é a sigillata itálica, sobretudo as formas tiberianas, incluindo as marcas. Tal como se apresenta, este material suscita-nos dúvidas de interpretação sobre as quais nos parece útil reflectir. Apontaremos algumas.

N.º 181, fig. 5, p. 20: trata-se, para nós, de um cálice Drag. 1; o bordo pertence, como diz o autor, ao serviço I de Haltern; logo, não pode aproximar-se este perfil do tipo Goud. 28 (Serviço II de Haltern). No n.º 1443, fig. 31, p. 84, também preferimos ver um cálice a admitir uma forma Goud. 17 ou 18. O perfil n.º 79, fig. 5, p. 17, não parece reconstituível como taça Goud. 37 A; não será antes um copo? Tendo o n.º 371, fig. 8, p. 29, 90 mm de diâm., não pode tratar-se de um prato; parece-nos mais adequada a hipótese de uma taça de transição do perfil clássico ao tardio. Difícil de aceitar é a classificação do n.º 914, fig. 20, p. 62 como um prato Goud. 26; embora com reservas, inclinamo-nos para a taça correspondente (cf. a inúmera variedade de perfis encontrada em Haltern); a hipótese de uma taça é também sugerida pelo desenhador. N.º 1601, fig. 32, p. 87: tanto o perfil como o desenho da marca apoiam a atribuição a Yolusus, não obstante a tonalidade do verniz. A classificação proposta para o n.º 1681, fig. 11, p. 43 é incoerente com a observação de que se trata de uma forma clássica; pensaria o autor, como nós, nas formas Goud. 23 e 24? O n.º seguinte, 1682, parece-nos uma forma nova, tardia, extremamente curiosa na medida em que sugere um «mortarium»; não vemos qualquer semelhança com a forma Goud. 38. O perfil do n.º 727, fig. 26, p. 73, tal como está desenhado não cabe na forma Goud. 16; pertencerá à forma 14?

A raridade de sigillata hispânica confirma a preferência dos sítios costeiros pelos produtos importados; quando, nos finais do séc. i, os fornecimentos da Gália (todos sudgálicos? Insólito o aparecimento de um prato Walters 80, n.º 1237, fig. 27, p. 81, a menos que haja mais cerâmica fabricada em Lezoux) escasseiam, começa a importar-se de África a «sigillata clara».

São muitas as formas típicas do séc. ii, pelo que não estamos inteiramente de acordo quando o autor diz que o séc. ii está praticamente não representado, admitindo um abaixamento provisório da actividade da cidade.

Atente-se na frequência das formas Lamboglia 4/36 A e B (p. ex. n.º 57, fig. 4, p. 16 interpretado como fabrico D e n.º 482, fig. 9, p. 31), 10 A e B (variante a que pertence o n.º 53/54, fig. 4, p. 16), 1, 2, 9 A (Cf. n.º 689, fig. 26, p. 73, identificada como Lamb. 2 A e n.º 1157, fig. 27, p. 80. 3 b 1).

A «sigillata clara» serve ainda, analisada à luz das mais recentes investigações (Cf. Hayes, *Late Roman Pottery*, Londres, 1972), para repensar os limites do último período da história da cidade. Formas como os números 433, fig. 8, p. 30 (Lamb. 51) e 2052, fig. 17, p. 54 (Lamb. 54) chegam ao século v; mesmo a variante mais antiga da forma Lamb. 24/25 (por ex. o n.º 454, fig. 9, p. 31) é datada por Hayes nos meados daquele século. O n.º 2050, fig. 17, p. 54 (Lamb. 1) é uma das formas mais persistentes do séc. vi. Da mesma época são os perfis n.º 452, fig. 9, p. 31 e 1955, fig. 37, p. 96. Consequentemente, há que rever a cronologia dos fragmentos com decoração estampada.

ADÍLIA ALARCÃO